

A HERMENÊUTICA DE PAUL RICŒUR NO ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

[THE HERMENEUTICS OF PAUL RICŒUR IN TEACHING PHILOSOPHY IN MIDDLE SCHOOL]

Fagner Veloso Silva

fagner_rian@hotmail.com

Cursando o Mestrado Profissional em Filosofia na Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. Mestre em Ciências das Religiões formado pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Foi monitor-bolsista da disciplina de História de Filosofia Medieval. Atualmente está estudando o pensamento filósofo Paul Ricoeur, mas sem deixar de lado a pesquisa sobre Agostinho de Hipona. Participa no grupo de pesquisa Principium - Núcleo de Estudo e Pesquisa em Filosofia Medieval - UEPB, nos quais realiza pesquisas sobre o pensamento do filósofo Santo Agostinho. Membro do grupo de pesquisa SACRATUM - Hermenêutica filosófica e literária em diálogo com o estudo do sagrado – UFPB.

DOI: <https://doi.org/10.25244/uf.v12i1.29>

Recebido em: 13 de maio de 2019. Aprovado em: 15/06/2019

Caicó, ano 12, n. 1, 2019, p. 149-166, ISSN 1984 - 5561
Dossiê Introdução à Filosofia e Filosofia do Ensino de Filosofia



DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.29>

A hermenêutica de Paul Ricœur no ensino de filosofia no ensino médio

SILVA, Fagner Veloso

Resumo: O ensino da disciplina de Filosofia constitui no exercício/atividade filosófica na sala de aula, pois através desta atividade buscar-se-á criar, inventar, reinventar e produzir novos saberes e ações que se configurem como uma experiência filosófica. A experiência do filosofar proporciona uma maior flexibilidade entre o pensar e o agir, tendo como finalidade a constituição do si do alunado. Como praticamente a aula de Filosofia no Ensino Médio consiste numa aula expositiva, a relação entre professor e o aluno, entre aquele que “explica” e aquele que “compreende” sugere a busca de algo em comum: interpretar o texto. Por certo, o primeiro e mais elementar trabalho de interpretação é captar aquilo que o autor se propôs ao escrever determinado texto. Por esta razão buscamos investigar quais são as contribuições de uma hermenêutica no Ensino Médio, tendo como finalidade a busca de uma “ferramenta” (hermenêutica) que o professor possa oferecer para seu alunado, proporcionando-lhes um meio de compreender a eles mesmos e o mundo em que estão inseridos, o papel da hermenêutica e sua contribuição para a vida dos alunos é a de auxiliá-los na compreensão da realidade que eles vivenciam, para que possam desenvolver uma melhor vivência em sociedade.

Palavras-chave: Apropriação. Filosofar. Hermenêutica. Mundo do Texto.

Abstract: The teaching of the discipline of Philosophy constitutes in the exercise/philosophical activity in the classroom, because through this activity will seek to create, invent, reinvent and produce new knowledge and actions that are configured as a philosophical experience. The experience of philosophizing provides a greater flexibility between thinking and acting, having as purpose the constitution of the student's self. As practically the Philosophy class in High School is an expositive class, the relationship between teacher and student, between the one who "explains" and the one who "understands" suggests the search for something in common: to interpret the text. Of course, the first and most elementary work of interpretation is to capture what the author proposed in writing a particular text. For this reason we seek to investigate the contributions of a hermeneutics in High School, aiming at the search for a "tool" (hermeneutics) that the teacher can offer to his / her student, providing them with a way to understand themselves and the the role of hermeneutics and their contribution to students' lives is to help them understand the reality they experience, so that they can develop a better experience in society.

Keywords: Appropriation. To philosophize. Hermeneutics. World of Text.

A hermenêutica de Paul Ricœur no ensino de filosofia no ensino médio

SILVA, Fagner Veloso

Para nós professores de filosofia que estamos com a responsabilidade de lecionar esta disciplina nas escolas da rede estadual do Rio Grande do Norte, temos que pensar e re-pensar seriamente em como desenvolver estratégia(s) que auxiliem nossos alunos a adquirirem a competência e habilidade de interpretação textual, pois, esta constitui a espinha dorsal para o aprendizado de qualquer disciplina.

Diante do contexto que vivenciamos (Escola Professora Herondina Caldas – RN) e da complexidade que envolve o ensino de Filosofia para os jovens aqui de nosso Estado, consciente de que nossa cultura não possui nem mesmo o hábito da leitura de livros, e, que, a maioria de nossos jovens mal sabem realizar uma interpretação textual. Diante da situação em que se encontra nossa educação, entendemos a urgência de oferecermos condições educativas que auxiliem o alunado a desenvolver habilidades de ler e interpretar de modo filosófico textos de diferentes estruturas e gêneros, assim como, articular conhecimentos filosóficos de diferentes conteúdos e modos discursivos nas ciências naturais e humanas, nas artes e em outras produções culturais, despertando-os para o gosto pela reflexão filosófica.

O processo de consolidação para o ingresso do alunado em sua tarefa social que segundo a Lei de diretrizes e bases – LDB (2015) é a de preparar o aluno “para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” e, isso representa também uma das preocupações filosóficas, por esta razão, a disciplina de Filosofia no Ensino Médio tem, entre outras funções, a de propor condições para uma relação interdisciplinar com os demais componentes curriculares, contribuindo desta forma para a formação e desenvolvimento do educando para a cidadania. É fato bastante notório a necessidade de se pensar em como ensinar a disciplina de Filosofia no Ensino Médio aqui no Brasil. De acordo com 46ª Conferência Internacional da Educação da UNESCO, foram realizadas reflexões e propostas para uma educação para todos. Na conferência ficou enfatizado que:

A educação básica para todos deveria “responder às necessidades educativas fundamentais que dizem respeito tanto às ferramentas essenciais de aprendizagem — leitura, escrita, expressão oral, aritmética e resolução de problemas — quanto aos conteúdos educativos fundamentais — conhecimentos, aptidões, valores e atitudes — de que o ser humano tem necessidade para sobreviver, desenvolver todas as suas faculdades, viver e trabalhar com dignidade, participar plenamente no desenvolvimento, melhorar a qualidade de sua existência, tomar decisões bem refletidas e continuar a aprender” (UNESCO, 2003, p. 28).

Devido as diferentes realidades que encontramos nas escolas e dos alunos, para aqueles que se propõe a tarefa de ensinar filosofia no Ensino Médio, urge analisar qual a forma que será abordada os conteúdos em sala de aula, pois é de suma importância que os alunos interpretem e compreendam os conteúdos das disciplinas, no intuito de alcançarem o desenvolvimento pleno e satisfatório para sua vida pessoal, profissional e social.

Quando o aluno por si mesmo compreende, dá sentido a algo, isto possibilita uma mudança na mente, em seguida se torna uma mudança na conduta, porque o indivíduo ajusta sua forma de comportar-se ao novo sentido que foi por ele construído na mente, porque uma vez que se tem “compreendido”, isto passa a converter-se em uma nova certeza e, esta nova compreensão possibilita ao indivíduo tolerar diferentes interpretações, desde perspectivas distintas em ocasiões diversas.

DOI: <https://doi.org/10.25244/uf.v12i1.29>

A hermenêutica de Paul Ricœur no ensino de filosofia no ensino médio

SILVA, Fagner Veloso

Como praticamente a aula de Filosofia no Ensino Médio consiste numa aula expositiva, a relação entre professor e o aluno, entre aquele que “explica” e aquele que “compreende” sugere a busca de algo em comum: interpretar o texto. Por certo, o primeiro e mais elementar trabalho de interpretação é captar aquilo que o autor se propôs ao escrever determinado texto.

Por estarmos exercendo o magistério, em contato imediato com os alunos, percebemos que muitos deles aparentam certa dificuldade em compreender/interpretar textos da disciplina de Filosofia (talvez isso provavelmente ocorra nas demais disciplinas). Para eles é como se os textos não apresentassem sentido para a realidade em que eles se encontram, classificando-os como abstratos demais para serem entendidos. Pensamos que seja oportuno disponibilizar ao alunado uma “ferramenta” (a hermenêutica) que os capacitem a pensarem de maneira própria, apropriando-se do sentido dos textos e, para isso, nada mais importante do que a confrontação com os textos filosóficos, pois estes foram respostas a perguntas intrigantes que os filósofos procuraram elucidar.

A partir do que dissemos acima, qual pode ser a contribuição de uma hermenêutica que possibilite ao professor desenvolver juntamente com seus alunos a habilidade de ler e interpretar de modo filosófico textos de diferentes estruturas e registros, assim como, articular conhecimentos filosóficos de diferentes conteúdos e modos discursivos nas ciências naturais e humanas, nas artes e em outras produções culturais, sem inculcar valores ou mesmo doutriná-los, mas despertar o gosto pela reflexão filosófica? Se uma das contribuições da Filosofia é a de fazer o estudante desenvolver a habilidade discursivo-filosófica, como poderá o nosso aluno desenvolver essa habilidade no estado atual em que se encontra sem saber realizar uma simples interpretação textual?

A hipótese de nossa pesquisa é a de que o alunado possa apropriar-se das ideias apresentadas pelo “mundo do texto”. Ela nos move do lugar comum fazendo com que saíamos do pensamento “automático”. Neste, as pessoas agem de tal forma sem se darem conta daquilo que acontece à volta delas. A Filosofia possibilita um pensar, mas um pensar, que não é o do senso comum. O pensar filosófico produz transformações na vida daqueles que o exercitam, pois quando pensamos, transformamo-nos paulatinamente.

Ao investigarmos as contribuições de uma hermenêutica no Ensino Médio, temos como finalidade a busca de uma “ferramenta” (hermenêutica) que o professor possa oferecer para seu alunado, proporcionando-lhes um meio de compreender a eles mesmos e o mundo em que estão inseridos, o papel da hermenêutica e sua contribuição para a vida dos alunos é a de auxiliá-los na compreensão da realidade que eles vivenciam, para que possam desenvolver uma melhor vivência em sociedade. Sendo assim, os alunos devem perceber que a disciplina de Filosofia constitui uma apresentação de textos que tratam da vida humana, constitui um conjunto de códigos, conceitos e regras que possibilitam a comunicação de ideias e interpretar as informações que recebem diariamente dos meios de comunicação (internet, jornais, revistas, televisão, rádio etc.).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA NOSSA PESQUISA

A hermenêutica entendida como teoria e prática da interpretação ocupa um lugar de destaque na educação. Por ela, os alunos podem alcançar um significado do texto, ou seja,

DOI: <https://doi.org/10.25244/uf.v12i1.29>

A hermenêutica de Paul Ricœur no ensino de filosofia no ensino médio

SILVA, Fagner Veloso

aquilo que o autor quis transmitir, podem entender a validação de uma interpretação frente à outra, pois há algumas interpretações que refletem o significado mais autêntico de um texto e, também podem apropriar-se do mundo do texto.

Para Ricœur, a hermenêutica articula-se entre dois polos: o texto e a interpretação do texto. Estes dois polos são duas espirais de um mesmo processo. A dinâmica do trabalho interpretativo consiste em esclarecer e em acompanhar a dinâmica já efetivada no texto. Ricœur faz um entrecruzamento entre o “mundo do texto” e “mundo do leitor”, aqui estamos diante da tese central de sua hermenêutica filosófica. Conforme ele mesmo diz, “o papel da hermenêutica é acompanhar a atividade estruturante que parte do pleno da vida, investe-se no texto e, graças à leitura privada e à recepção pública, retorna à vida” (RICŒUR, 2006, p. 126-127).

Para uma hermenêutica textual, Paul Ricœur estabelece uma relação dialética entre o interior e o exterior dos textos, a qual tem como finalidade compreender de que forma a linguagem possibilita a mediação entre a humanidade e o mundo, entre os próprios seres humanos, e entre o ser humano individual e ele mesmo. Como ele mesmo diz, essa tríplice mediação de referencialidade (humano e mundo), de comunicabilidade (ser humano e ser humano) e de compreensão de si (ser humano e ele mesmo) constitui o problema mais importante de uma hermenêutica dos textos.

Ricœur procura realizar uma arbitragem entre distintas posições anteriores da tradição hermenêutica com as quais dialogou¹. Além do mais, Paul Ricœur ainda estabeleceu contato com as diversas formas de estruturalismo. Sua contribuição para a hermenêutica provém da noção de distanciamento, pela a qual Ricœur estabelece algumas categorias: a efetuação da palavra como instância do discurso, a fixação da obra pela escrita, o mundo do texto projetado pela obra escrita, a compreensão de si pelo ato da leitura e o mundo do texto.

Ressalteemos que o conceito de distanciamento exerce uma função preliminar para a apropriação de textos. É certo que existe uma primeira distância entre o texto e seu autor, pois uma vez produzido, o texto possui certa autonomia em relação ao seu autor. Autonomia que possibilita uma carreira de sentido, ou seja, o texto não mais estar restrito a situação originária em que foi escrito pelo autor, podendo, então, ser retomado e ressignificado pelos mais diversos destinatários. Uma segunda distância está relacionada entre o texto e seus potenciais leitores. Esses precisam entender e respeitar que o texto possui alteridade em relação a eles.

A autonomia que o texto alcança em relação ao seu autor possibilita que ele seja reassumido por leitores posteriores que não pertencem ao mundo do autor. O mundo do texto encontra numa diversidade de destinatários (leitores) que, mediante o ato de leitura, enriquecem sua própria apreensão do real, compreensão de si a partir das projeções de sentido inclusas no texto.

O mundo do texto, segundo Paul Ricœur, diz respeito ao mundo proposto na elaboração das obras literárias. O mundo do texto constitui um mundo pelo qual os leitores podem projetar seus possíveis mais próximos. Os leitores podem habitar este mundo do texto mediante a apropriação de sentido e referência possibilitada por ele. O mundo do leitor constitui suas experiências de vida que confrontadas ao mundo do texto podem ser reconfiguradas.

¹ Gadamer, Scheleirmacher, Dilthey, Heidegger e Bultman.

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.29>

A hermenêutica de Paul Ricœur no ensino de filosofia no ensino médio

SILVA, Fagner Veloso

A noção de mundo do texto está à tese central da hermenêutica de Paul Ricœur para o que nos propomos investigar em nossa pesquisa com os estudantes do Ensino Médio na disciplina de Filosofia. A hermenêutica ricœuriana decorre da intersecção do mundo do texto e o mundo de seus leitores. Segundo Paul Ricœur:

Por mundo do texto entendo o mundo desdobrado pelo texto diante dele, por assim dizer, como o horizonte da experiência possível na qual a obra desloca seus leitores. Por mundo do leitor entendo o mundo efetivo no qual a ação real se desdobra de uma “rede de relações” para usar uma expressão de Hannah Arendt em *The human condition* (RICŒUR, 2006, p. 290).

À medida que os leitores se apropriam do texto há certa capacidade de o texto reconfigurar a experiência do leitor, ou seja, mudar a concepção que o leitor possui do mundo (cosmovisão), dos valores estéticos, éticos, religiosos. O sentido que há num texto não pode ser plenamente atualizado se não for mediante a leitura dos destinatários que dele se apropriam. Em decorrência desta situação, são destacadas as (possíveis) significações novas no horizonte indicado pelo texto.

Antes mesmo de ser obra dos leitores, a interpretação é realizada, segundo Ricœur, primeiramente pelo texto, ou seja, constitui uma interpretação no texto e pelo texto. A tarefa do(s) intérprete(s) está em desvelar o dinamismo que há no texto, para em seguida prolongá-lo “em imaginação e simpatia”. Daí que:

Interpretar/compreender uma obra é, nesse sentido, tomar o rumo de sentido proposto por ela, como já vimos. É habitar o mundo proposto por ela, com “um dos meus possíveis mais próprios”, um possível ser do leitor, que não está já dado na realidade, anterior ao encontro do leitor com a obra, mas que se revela nesse encontro, se torna realidade efetiva, ainda que ao modo de um poder ser e não um ser dado, a partir desse encontro (GENTIL, 2011, p. 185).

Para que haja uma refiguração do mundo do leitor, Paul Ricœur elabora um conceito para esta nova situação: a apropriação. Para entendermos este conceito, Ricœur apresenta sua maneira de conceber o arco hermenêutico que se inicia como uma primeira apreensão do texto, captado como um todo. Em um segundo momento há um procedimento explicativo, que consiste na produção textual. Por fim, o arco se conclui por uma nova apreensão que permite um ponto de intersecção entre o mundo do texto ao mundo do leitor. Neste caso, o leitor realiza uma apropriação daquilo que o mundo do texto lhe apresenta. De acordo com Ricœur:

O objetivo global do arco interpretativo é seguir a intenção referencial do texto (sua “flecha de sentido” em direção de sua referência) para seu mundo, para sua visão da realidade, para sua ontologia particular, através do jogo de suas estratégias narrativas, às vezes desconcertantes. Depois de ter deixado sua primeira inocência pré-crítica (sua compreensão imediata

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.29>**A hermenêutica de Paul Ricœur no ensino de filosofia no ensino médio**

SILVA, Fagner Veloso

ingênua do texto), depois de ter atravessado o deserto de explicação rigorosa dos elementos textuais e da hermenêutica da suspeita, o leitor é convidado a compreender o texto em uma ingenuidade segunda, pós-crítica, a fim de desenvolver uma nova compreensão de si mesmo, capaz a de habitar o tempo e o mundo (RICŒUR, 2006, p. 54).

Este arco interpretativo possibilita ao ser humano refletir sobre sua própria existência configurando uma identidade de si mesmo, permitindo-lhe auto interpretar-se a partir de uma das experiências vividas, assim a temporalidade e a historicidade emergirão como aspectos centrais de uma identidade narrativa. O conceito de identidade narrativa, de acordo com Ricœur, constitui uma apreensão da vida na forma de uma história e determina a compreensão da boa vida, resultando em um agir eticamente. Desta forma, o arco interpretativo possibilita uma reconfiguração da identidade do sujeito da ação, tornando-o um leitor e escritor de sua própria vida.

Do exposto acima, a trajetória de sentido do mundo do texto só acaba quando encontra o mundo do leitor e reconfigura a identidade do sujeito. Essa intersecção só é possível mediante o ato de leitura que o intérprete atualiza por meio das diversas figuras de si projetadas pelo texto. Apropriar-se de um texto exige do leitor descentralizar sua subjetividade a fim de examinar o que possa receber do texto para uma compreensão de si mais ampla. O ato da leitura é fundamental para que haja esse jogo de interlocução entre o apelo do texto e a resposta do leitor, cujo mundo do texto oferece as operações de sentido e referência do texto.

O arco hermenêutico, segundo Ricœur, tem um caráter eminentemente existencial. Para ele, a interpretação se encerra quando o leitor apropria-se do mundo do texto. Essa apropriação consiste numa “desapropriação” de si mesmo que conduz o leitor à metamorfose de sua subjetividade. Como diz Ricœur:

La idea de interpretación, comprendida como apropiación, no queda por ello eliminada; sólo queda remitida al término del proceso; está em el extremo de lo que hemos llamado antes el arco hermenêutico; es el último pilar del puente, el anclaje del arco em el suelo de lo vivido. Pero toda la teoría de la hermenêutica consiste em mediatizar esta interpretación/apropiación por la serie de interpretantes que pertenecen al trabajo del sobre sí mesmo. La apropiación perde entonces su arbitrariedad, em la medida em que es la reasunción de aquello mismo que se halla obrando, que está em trabajo, es decir, que reactiva el decir del texto (RICŒUR, 2002, p. 147).²

A busca por uma hermenêutica permite-nos compreender a importância das narrações para os humanos, pois ela ressalta o valor das ações humanas como portadora de

² A ideia de interpretação, compreendida como apropriação, não permanece por isso eliminada; somente fica remetida ao término do processo; está no extremo do que temos chamado antes de arco hermenêutico; é o último pilar da ponte, o ancoradouro da superfície do vivido. Mas toda teoria da hermenêutica consiste em mediatizar esta interpretação/mediação pela série de interpretantes que pertencem ao trabalho do texto sobre si mesmo. A apropriação perde, então, sua arbitrariedade, na medida em que reassume aquilo que se encontra obrando, que está no trabalho, isto é, em parte de sentido no texto. O dizer do hermeneuta é um re-dizer, que reativa o dizer do texto (RICŒUR, 2002, p. 147). (Todas as traduções são de nossa autoria).

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.29>**A hermenêutica de Paul Ricœur no ensino de filosofia no ensino médio**

SILVA, Fagner Veloso

significados. Como indivíduo portador de significados, o sujeito tornar-se-á coautor de uma narração e interpretação que apórtem uma compreensão de determinados problemas investigados na sociedade.

A hermenêutica tem como finalidade auxiliar os alunos na compreensão e interpretação dos textos filosóficos. A singularidade do enfoque hermenêutico para os alunos no Ensino Médio busca resgatar o sentido dos textos mediante a perspectiva do leitor (aluno). Isto não implica cair num relativismo extremo (toda e qualquer interpretação está correta). De acordo com Paul Ricœur, o ato de narrar constitui uma unidade funcional entre os múltiplos modos e gêneros narrativos (romance, novela, conto, crônica, fábula, parábola, lenda). Entre relatos de ficção e relatos com pretensão de verdades, há, segundo Ricœur, algo em comum que é narratividade e temporalidade, pois tudo o que se desenvolve no tempo pode ser narrado. O caráter temporal da narratividade caracteriza a experiência humana em suas mais variadas formas de narrar. Razão pela qual a função narrativa possibilita uma abertura ao mundo mediante a compreensão. Desta forma:

A função mimética das narrativas, intimamente relacionada à sua função de mediação, tais como elucidadas por Ricœur, insere as narrativas históricas e as narrativas de ficção numa história, história à qual pertencem e de cuja constituição participam. Esse seu pertencimento e participação têm como condição de possibilidade a historicidade desse ser-aí que somos, ser-aí caracterizado pela 'abertura' ao mundo e pela compreensão, bem como por sua temporalização própria. (GENTIL, 2011, p. 190).

Segundo Ricœur, a função mimética configura a linguagem narrativa em um mundo habitável apresentado pela narrativa ficcional, possibilitando a reconfiguração dos valores, estéticos e sensoriais. A construção de uma hermenêutica narrativa possibilita aos sujeitos de um determinado contexto social (no nosso caso, são os alunos do Ensino Médio) participar, investigar, assinalar, articular e compreender a realidade em que vivem. Situados numa determinada comunidade surge o círculo hermenêutico entre o intérprete e o texto, pois o intérprete não é apenas um observador teórico, mas participa das mais diversas experiências que a vida lhe proporciona. Razão pela qual entendemos ser de fundamental importância à proposta Ricœuriana de interpretação como apropriação, pois ela permite ao sujeito reconstruir sua própria identidade

Geralmente, o que se entende por interpretação, consiste na compreensão daquilo o autor quisera dar a entender quando escreveu determinado texto. Talvez seja muito complexo captarmos a intencionalidade de outra pessoa, ainda mais quando não tivemos nenhuma experiência de convivência com ela. Por esta e outras razões a hermenêutica nos auxilia a compreender uma determinada obra sem a necessidade de havermos convivido com o autor.

Ricœur (2000) faz uma importante distinção entre mensagem e código. Segundo ele, a mensagem é individual, o código é coletivo. A mensagem é intencional, é pensado por alguém. O código, por sua vez, é anônimo e não intencionado. Ao realizar esta distinção Ricœur procura demonstrar que o texto vai se tornando algo inteligível por meio dos signos. A ordenação destes signos começa a adquirir sentido e desta forma possibilitam o primeiro passo para interpretar o texto em sua totalidade ou mesmo em suas partes.

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.29>

A hermenêutica de Paul Ricœur no ensino de filosofia no ensino médio

SILVA, Fagner Veloso

O diálogo entre dois interlocutores facilita a comunicação devido o uso de alguns elementos contextuais. A escritura requer que façamos a utilização de signos ortográficos para expressar a falar, o diálogo e as ideias mais claramente. Os textos constituídos por diversos signos buscam refletir aquilo que não se pode expressar gestualmente ou reproduzir em um ambiente dialógico. Sendo assim, Paul Ricœur nos diz que:

A escrita não só preserva as marcas linguísticas da enunciação oral, mas também acrescenta sinais distintivos suplementares como sinais de citação, os pontos de exclamação e de interrogação, para indicar as expressões fisionômicas e gestuais, que desaparecem quando o locutor se torna um escritor. Por conseguinte, os actos ilocucionários podem de muitos modos, comunicar-se ao ponto de a sua 'gramática' fornecer o evento com uma estrutura pública. (RICŒUR, 1976, p. 29).

O problema da hermenêutica, segundo Ricœur, está vinculado diretamente ao problema de interpretação. Para ele há duas vias deste problema: a primeira está relacionada ao campo de aplicação dos textos. Estes possuem autonomia em relação às intenções do seu autor, assim como, da situação da obra e possibilita um amplo público de leitores. A segunda via é a de que o texto não possui um caráter dialógico como acontece no discurso oral. Por esta razão, o texto necessita, ele pede para ser interpretado. A centralidade do texto é de suma importância para a concepção hermenêutica de Ricœur, pois esta dar um passo de uma hermenêutica como interpretação dos símbolos para uma hermenêutica como interpretação dos textos.

A referência do texto implica dizer que sua significação não esteja por trás do texto senão diante dele. Aponta para um mundo possível, a maneiras possíveis de se orientar nesses mundos. Sendo assim, o trabalho interpretativo consiste em apropriar-se das proposições de mundo possibilitadas pelas referências não ostensivas do texto. À interpretação textual o papel da subjetividade não pode ser descrito como uma projeção, mas, sim, de um compreender-se ante a obra. É deixar-se ser conduzido pela obra e pelo mundo que esta propõe para que ampliem o horizonte de compreensão que temos de nós mesmos. De acordo com a proposta ricœuriana, a interpretação consiste no processo pelo qual o descobrimento de novos modos de ser possibilita ao sujeito uma nova capacidade de conhecer-se a si mesmo, ou seja, a hermenêutica narrativa auxilia na constituição e compreensão de si do sujeito.

Longe de dizer que um sujeito domina já sua forma de ser no mundo e a projeta como o *a priori* de sua leitura, diríamos que a interpretação é o processo pelo qual o descobrimento de novos modos de ser dá ao sujeito uma nova capacidade de conhecer-se a si mesmo. Se há em algum ponto projeto e projeção, é a referência da obra que é o projeto de mundo. O leitor é em consequência engrandecido em sua capacidade de projetar-se a si mesmo recebendo do texto um novo modo de ser (RICŒUR, 2008, p. 38).

Admitido que tanto o sentido literal e o sentido metafórico sejam distintos, não obstante, eles podem articular-se em uma interpretação. Interpretação esta que possibilita uma segunda categoria que consiste em uma denotação metafórica. Para Paul Ricœur, a obra poética é como um todo e projeta um mundo. A peculiaridade do texto em sua autonomia está em ele criar um mundo. Os textos nos falam do mundo e de suas contingências. O mundo, projetado pelos textos, não estão limitados a uma referência ostensiva. O texto

A hermenêutica de Paul Ricœur no ensino de filosofia no ensino médio

SILVA, Fagner Veloso

rompe com essa referência imediata, ele abre uma janela ao mundo ao possibilitar novos mundos.

O poder de redescrição metafórica da realidade ao deixar em suspenso a referência imediata para o surgimento de uma segunda referência indireta está lado a lado com função mimética do relato. A função de transfiguração da realidade, que exerce a função poética, aponta para três direções: a primeira, tanto a função poética quanto a função retórica se distinguem plenamente quando há uma união e redescrição. A segunda, a metáfora quando está a serviço da função poética tem como estratégia de discurso despojar a linguagem de sua função de descrição direta para conduzir ao nível mítico.

A METÁFORA VIVA: ELEMENTO POÉTICO PARA RE-DESCREVER A REALIDADE

A metáfora viva na dinâmica do discurso possibilita a interpretação, já que as proposições de mundo abertas pelas referências não ostensivas do texto, uma dialética entre compreensão do texto e compreensão de si mesmo. Desta forma, a metáfora consiste em um processo retórico que proporciona ao discurso o poder de reconfigurar a realidade. Trata-se de um problema de inovação semântica que está na hermenêutica e na poética que nos conduzem ao mundo do texto. O processo de interpretação está intrínseco ao processo metafórico e, como processo, vincula à palavra a totalidade do conjunto de sentenças em que está localizada. A metáfora toma uma grande dimensão na linguagem. Por fazer parte da linguagem, a metáfora nos convida a fazer hermenêutica. Assim falou Paul Ricœur:

Recordemos la insistencia de Aristóteles en identificar la poíesis con el entramado o disposición de la trama de la fábula. En este caso, la labor de innovación se lleva a cabo en el interior de la unidad discursiva que constituye la trama. Y, aunque la poíesis haya sido definida como mimesis de la acción, Aristóteles no hace posteriormente ningún uso de la noción de mimesis, como si bastara con separar el espacio imaginario de la fábula del espacio real de la acción humana. No es una acción real lo que estáis viendo, sugiere el poeta, sino sólo un simulacro de acción. Este uso disyuntivo, más que referencial, de la mimesis resulta tan característico de la poética que éste es el sentido que ha prevalecido en la poética contemporánea, la cual ha conservado el aspecto estructural del mythos y ha dejado que desapareciera el aspecto referencial de la ficción. Éste es el desafío que la hermenéutica retoma frente a la poética estructural. Yo diría que la función de la interpretación no es sólo hacer que un texto signifique otra cosa, ni siquiera que signifique todo lo que pueda ni que signifique siempre algo más -por retomar las expresiones anteriores-, sino desplegar lo que voy a llamar el mundo del texto (RICŒUR, 1997, p. 87)³

³ Recordemos da insistência de Aristóteles na identificação da poíesis com a estrutura ou disposição do enredo da fábula. Neste caso, o trabalho de inovação leva a cabo no interior da unidade discursiva que constitui a trama. E, embora o poíesis foi definido como mimesis de ação, Aristóteles não faz uso da noção de mimesis, como se fosse o suficiente para separar o espaço imaginário da fábula do espaço real da ação humana. Não é uma ação real o que estais vendo, sugere o poeta, mas apenas um simulacro de ação. Esse uso disjuntivo, mais que referencial, da mimesis resulta tão característico da poética que este é o sentido que prevaleceu na poética

A hermenêutica de Paul Ricœur no ensino de filosofia no ensino médio

SILVA, Fagner Veloso

Os textos metafóricos tendem a possibilitar uma redescritção que induzem a um dinamismo com finalidades a valores morais, estéticos, religiosos etc. dinamismo a revelar um “ser como” do homem, do mundo e das coisas. A enunciação metafórica constitui em uma visão dinâmica da realidade.

As considerações sobre a metáfora viva nos mostraram a sua relevância ao possibilitar novos mundos por suas referências não ostensivas, assim como, motivar a imaginação para outras possibilidades de ser e estimular a mente para uma visão crítica do mundo. Este impulso para uma visão crítica do mundo não advém apenas da hermenêutica da metáfora, mas, principalmente, da hermenêutica do texto.

A relação entre metáfora e texto se sustenta à medida que a compreensão da metáfora (a partir de uma perspectiva da explicação, a qual se refere ao sentido, ou seja, ao plano imanente ao discurso) auxilia-nos na compreensão de textos mais longos. A compreensão de uma obra em sua totalidade fornece a chave para uma metáfora, e, isto, desde uma perspectiva da interpretação, que promove outro aspecto da significação que é a referência. A partir da relação metáfora e texto, ela constitui uma direção intencional para um mundo e para um si mesmo. A metáfora estabelece uma conotação potencial, ela transforma uma propriedade atual ou atribuída em sentido. Assim diz Ricœur em sua obra *Hermenêutica e ação*:

Las metáforas al requerir un contexto (lingüístico, cultural, semántico) se convierten en actos. De un modo especial en las metáforas que cargan la innovación de una significación emergente: la metáfora viva que es acontecimiento y sentido al ser considerada como nueva creación lingüística. Por otro lado la metáfora se dice de un ‘sujeto principal’, de tal manera que la identificación singular y la predicación general se hacen presentes como acción contextual en cuanto que la metáfora es ‘modificadora’ del dicho sujeto operando como una atribución de éste. (RICŒUR, 2008, p. 38)⁴.

A metáfora nova consiste em uma criação momentânea da linguagem, ela é uma inovação semântica que não possui estatuto, pois é possível falar de inovação semântica como uma significação suscetível de ser identificada e reidentificada unicamente levando em consideração o ponto de vista do autor ou do leitor e tratar a novidade emergente como contrapartida da parte do autor, de uma construção da parte do leitor.

As palavras adquirem sentido mediante a interseção entre vários campos semânticos, mas a “torção metafórica” por sua vez é acontecimento e uma significação. Para Ricœur, isto

contemporânea, a qual tem conservado o aspecto estrutural dos *mythos* e permitiu que desaparecesse o aspecto referencial da ficção. Este é o desafio que a hermenêutica retoma frente a poética estrutural. Eu diria que a função de interpretação não é apenas fazer um texto significar outra coisa, nem mesmo que isso signifique tudo o que pode ou que sempre significa algo mais - ao retomar as expressões anteriores -, mas para apresentar o que eu vou chamar de mundo do texto. (RICOEUR, 1997, p. 87).

⁴ As metáforas ao requerer de um contexto (lingüístico, cultural, semántico) torna-se em atos. De um modo especial nas metáforas que carregam a inovação de uma significação emergente: a metáfora viva que é acontecimento e sentido ao ser considerada como nova criação lingüística. Por outro lado a metáfora se diz de um “sujeito principal”, de tal maneira que a identificação singular e a predicção geral se fazem presentes como ação contextual quanto que a metáfora é “modificador” do dito sujeito operando como uma atribuição deste. (RICOEUR, 2008, p. 38).

A hermenêutica de Paul Ricœur no ensino de filosofia no ensino médio

SILVA, Fagner Veloso

constitui uma categoria fundamental que faz da metáfora um paradigma para explicação da obra literária. Desta forma, isso torna possível construir a significação de um texto de maneira semelhante àquela pela qual produzimos sentido com todos os termos de um enunciado metafórico.

Tomando como modelo de interpretação dos textos para a metáfora, Ricœur retorna a Poética de Aristóteles. Para o estagirita, a tragédia constitui um todo, como uma obra literária. Sendo assim, tanto a tragédia quanto o poema, ambos tem sentido (*mythos*) e referência (*mimesis*). Este conceito aristotélico de *mimesis* abrange todos os paradoxos da referência. A junção de *mimesis* e da *poiesis* possibilita aquilo que se chama de mundo referencial da obra. A *mimesis* é um nome grego ao qual Ricœur chama de referência não ostensiva da obra literária, ou seja, para abertura-descobrimento. Desta forma, Ricœur concorda com Aristóteles ao dizer que:

El poder de la metáfora resulta de su conexión, en el interior de la obra poética, primeramente, con los otros procedimientos de la lexis; en segundo lugar, con la ‘fable’, que es la esencia de la obra, en su sentido immanente; en tercer lugar, con la intencionalidad de la obra tomada como un todo, es decir, con su intención de representar las acciones humanas más elevadas de lo que ellas lo son en realidad: esto es *mimesis*. En este sentido, el poder de la metáfora procede del poder del poema en tanto que totalidad. (RICŒUR, 2008, p. 55).⁵

A metáfora contribui como suporte para a linguagem poética com a finalidade de redescrever a realidade, ou seja, a verdade metafórica contida nesta redescritção tem algo novo a dizer acerca do mundo. A metáfora constitui o trampolim que força ao pensamento conceitual a pensar mais.

A teoria ricœuriana de hermenêutica no que diz respeito ao trabalho de interpretação estimula, promove e provoca uma imaginação crítica por suas propostas de mundo abertas com suas referências não ostensivas. Tanto a hermenêutica do símbolo, da metáfora quanto a do texto possibilita-nos imaginar, pensar e articular várias propostas de mundo. Os textos de ficção e poéticos possibilitam o dizer algo sobre o mundo, assim como, redescrever-lo. Ao suspender a referência ostensiva e descritiva do mundo, a metáfora libera um poder de referência que não podiam ser descritos diretamente. A hermenêutica de Ricœur possui um caráter provocativo, subversivo e criativo de novas possibilidades para o nosso ser no mundo.

Ricœur assume que a metáfora não constitui um mero substituto para substituição de palavras. Por isso há a necessidade de um enunciado completo para analisar o impacto sobre a palavra na produção de sentido. Segundo o filósofo francês, “antes da semântica da palavra é necessário uma semântica da frase”, razão pela qual a metáfora ganha sentido.

A tensão que ocorre no enunciado decorre de duas ou mais interpretações de um mesmo enunciado e não dos termos que o compõe. O conflito das interpretações é o que

⁵ O poder da metáfora resulta da conexão, no interior da obra poética, primeiramente, com outros procedimentos da lexis; em segundo lugar, com a “fable” que é a essência da obra, em seu sentido imanente; em terceiro lugar com a intencionalidade da obra tomada como um todo, isto é, com sua intenção de representar as ações humanas mais elevadas do que elas o são na realidade: isto é a *mimesis*. Neste sentido, o poder da metáfora procede do poder do poema em sua totalidade. (RICOEUR, 2008, p. 55).

A hermenêutica de Paul Ricœur no ensino de filosofia no ensino médio

SILVA, Fagner Veloso

possibilita o aparecimento da metáfora. Interpretar um enunciado metafórico mostra que a metáfora não existe por si mesma, mas decorre de uma interpretação que desconstrói o sentido literal. Ricœur é taxativo quando assim se pronuncia:

De este modo, la metáfora no existe en si mesma, sino en una interpretación. La interpretación metafórica consiste en transformar una contradicción significante. Esta transformación es la que impone a la palabra una suerte de ‘torson’: estamos constreñidos a dar una nueva significación a la palabra, una extensión de sentido, gracias a la cual podemos ‘crear sentido’ allí donde la interpretación literal es propiamente insensata. Así, la metáfora aparece como la réplica a una certa inconsistencia del enunciado interpretado literalmente. (RICŒUR, 2008, p. 25).⁶

A metáfora surge como algo que não existia, sua tarefa consiste em aproximar aquilo que se encontra distante: em uma relação de sentido. A metáfora, segundo Ricœur, constitui numa inovação semântica, ou seja, é a apresentação de predicados inusitados. Por isso, talvez não haja nos dicionários metáforas vivas. As metáforas são intraduzíveis pela simples razão de criar sentido. Ela não constitui apenas num ornamento do discurso, mas traz uma informação nova, diz algo novo sobre a realidade. Quando o poeta nos diz que “o tempo é um mendigo” nos está ensinando “a ver como se...”, a “ver” o tempo “como” um mendigo. Aristóteles afirmava algo semelhante quando dizia que “fazer boas metáforas é perceber a semelhança”.

Qual a finalidade das metáforas? Talvez seu uso esteja na tensão causada pela linguagem a suscitar uma nova informação sobre a realidade. A linguagem poética não nos diz o que as coisas são, mas “como deveriam ser”. Ricœur faz uma comparação em que relaciona duas proposições opostas relativamente à passagem da metáfora ao símbolo:

Diríamos para concluir, que necesitamos asumir dos proposiciones opuestas concernientes a la relación entre metáfora y símbolo. Por una parte, hay más en la que en el símbolo. Por otra parte, hay más em el símbolo que en la metáfora. Hay más en la metáfora que en el sentido em que ella lleva al lenguaje la semántica implícita del símbolo. Lo que en el símbolo queda confuso – asimilación entre las cosas, asimilación entre nosotros y las cosas, correspondencia sin fin entre elementos – viene a aclarar-se en la ‘tensión’ del enunciado metafórico. (RICŒUR, 2008, p. 38).⁷

⁶ Deste modo, a metáfora não existe em si mesma, senão em uma interpretação. A interpretação metafórica pressupõe um interpretação literal que se destrói. A interpretação metafórica consiste em transformar uma contradição, que se destrói a si mesma, em uma contradição significante. Esta transformação é a que impõe a palavra uma certa “torção: estamos constrengidos a dar uma nova significação a palavra, uma extensão de sentido, graças a qual podemos “criar sentido” ali onde a interpretação literal é propiamente insensata. Assim, a metáfora aparece como uma réplica a uma certa inconsistência do enunciado interpretado literalmente. (RICŒUR, 2008, p. 25).

⁷Diríamos, para concluir, que necesitamos asumir duas proposições opostas concernientes a relação entre metáfora e símbolo. Por uma parte, há mais na metáfora que no símbolo. Por outra parte, há mais no símbolo que na metáfora. Há mais na metáfora que no símbolo em que ela leva à linguagem semântica implícita o símbolo. O que no símbolo fica confuso – assimilação entre as coisas, assimilação entre nós e as coisas,

DOI: <https://doi.org/10.25244/uf.v12i1.29>

A hermenêutica de Paul Ricœur no ensino de filosofia no ensino médio

SILVA, Fagner Veloso

De acordo com Ricœur há mais no símbolo do que na metáfora, pois a metáfora é só o procedimento linguístico, ou seja, é predicação estranha, na qual vem depositar-se a potência simbólica. O símbolo se funde na experiência humana, por sua vez, a metáfora constitui a superfície da linguística que deve sua bidimensionalidade ao poder de religar o semântico ao pré-semântico na profundidade da experiência humana.

Paul Ricœur realiza uma reflexão acerca da progressão que vai da palavra à frase e desta ao discurso. Neste a metáfora tem um lugar fundamental. Para o referido filósofo, o metafórico cumpre um papel importante para a hermenêutica, pois se trata de um modo discursivo que descreve outras partes do real. Dito de outra forma, o ser se faz presente interpretando-se. Desta forma, podemos entender que a metáfora constitui “o fio condutor transcendental” que nos guia para o “problema central da hermenêutica”, pois a metáfora viva possibilita, então, um novo mundo de sentido em diversos planos.

A metáfora vai mais além do que a palavra. Aristóteles chegou a definir a metáfora como uma retórica e uma poética. Esta tem como finalidade a paixão e a compaixão. O (texto) poético não busca nada provar, sua verdade está no *mythos* trágico. Por sua vez, a retórica (texto retórico) procura expressar o verossímil. Em ambas encontramos o conceito de metáfora. E, o que chama atenção é o fato de as duas possuírem características e finalidades diferentes. Nelas há uma mesma estrutura para a metáfora, no entanto, com duas funções diferentes: uma retórica e outra poética.

A definição aristotélica que aparece em ambas tem o seguinte significado sob a epígrafe de *lexis*: a metáfora consiste em transferir o nome de uma coisa para designar outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por analogia. Que relação há entre a *lexis* e a poética, questiona Ricœur ao realizar uma análise do termo aristotélico. A conclusão a que chega Paul Ricœur é que a metáfora afeta apenas o nome e, não ao discurso. A função da metáfora seria apenas a de realizar um deslocamento “desde...para”.

Para Ricœur, a função retórica e a função poética não coincidem, pois estar evidente que na retórica a função da metáfora consiste em persuadir: o tom, a conveniência, a escolhas das palavras tem como finalidade persuadir ao ouvinte. Já na poética, a função da metáfora está na elaboração da trama (*mythos*) que intenta imitar a ação humana. Sendo assim, a função da metáfora na poética está em realizar a função mimética.

Nossa reflexão a respeito teve como finalidade apresentamos como a hermenêutica está presente em nosso dia a dia, fizemos uma sucintan discussão da contribuição da metáfora viva para a interpretação. Destacamos a importância que a hermenêutica possibilita para a vida do alunado. Apresentamos também de maneira introdutória a perspectiva hermenêutica do filósofo Paul Ricœur.

correspondência sem fim entre os elementos – vem aclarar-se na “tensão” do enunciado metafórico (RICOUER, 2008, p. 38).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação do século XXI tem como meta propor soluções para os desafios relativos à participação na sociedade da informação e as oportunidades oferecidas pelas novas tecnologias da informação e da comunicação. O tipo de educação que se espera não pode ficar restrito a um ensino memorístico, repetitivo, sem nenhuma reflexão para a vida do alunado, pois necessitamos de alunos capazes para pensar e enfrentar os mais diversos problemas que há na sociedade em que residem. Por esta razão, um dos desafios da sociedade da informação está em proporcionar ferramentas para processar a grande quantidade de informação que se obtém através dos meios de comunicação.

À educação urge a necessidade de que os alunos estejam aptos para compreensão, interpretação e, conseqüentemente, a comunicação. A tradição hermenêutica sempre esteve em busca de possibilitar a clareza, o entendimento das formas simbólicas expressas pelo ser humano em suas mais variadas manifestações.

Em qualquer experiência educativa, a compreensão, a interpretação e a comunicação estão fundamentadas sobre: a intelecção, explicação e aplicação, pois à medida que o ser humano aprende algo, ele capta o significado possibilitando agir, ou não, de acordo com o conteúdo adquirido. Desta forma, as coisas adquirem sentido quando se lhe tornam próprias, ou seja, quando eles mesmos interpretam, compreendem e processam as informações que lhe são repassadas. Sendo assim, o indivíduo encontra-se em condições de aplicá-las em seu dia a dia.

Na educação do Ensino Médio percebemos como a prática pedagógica encontra-se estruturada sobre o processo hermenêutico. Estando situada no contexto da tradição e linguagem, tem como finalidade a aprendizagem, o conhecimento próprio, as transformações das tradições, dos indivíduos e da sociedade. Situados num determinado contexto, numa certa tradição, podemos transcendê-los mediante a produção de uma autêntica aprendizagem, pois aprender não significa ficar restrito à tradição, tampouco ficar delimitado a um determinado contexto cultural. Aprender não é meramente reproduzir a tradição, mas apropriar-se dela para reformular a nossa compreensão e incorporar tudo que se conhece, em busca do que ainda não se sabe.

Nas aulas de Filosofia no Ensino Médio, o processo hermenêutico intenta possibilitar aos discentes a capacidade de compreensão, interpretação e comunicação, com vista a compartilhar saberes, proporcionar significados a estes mesmo saberes e, dialogar acerca dos mistérios que envolvem a vida.

A hermenêutica como “ferramenta” fundamental para construção do conhecimento, potencializa o objetivo de compreender conceitos e interpretações sobre os processos formativos de indivíduos (discentes do Ensino Médio) que os habilitem como pensadores e interlocutores competentes. Como um aporte pedagógico, ela pode contribuir de maneira significativa com recursos necessários para o exercício de um sã questionamento frente aos prejuízos, pré-conceitos (preconceitos), ou seja, a hermenêutica narrativa como aporte pedagógico proporcionará o desenvolvimento de um pensar filosófico à medida em que os alunos se apropriam dos conceitos filosóficos mediante a leitura textual.

Uma educação pautada sobre uma hermenêutica proporciona uma melhor comunicação para a vida em sociedade, pois a hermenêutica não pretende ter uma postura absolutista, mas busca um princípio que mantenha aberto o diálogo. Por ela o educar-se

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.29>

A hermenêutica de Paul Ricœur no ensino de filosofia no ensino médio

SILVA, Fagner Veloso

consiste num escutar o outro, numa colaboração de compreensão, de transformação e, conseqüentemente, de uma busca pelo sentido e respostas aos anseios mais profundos do ser humano que são: o sentido da existência, sexualidade, amor, felicidade, a experiência com o sagrado/transcendente, pós-morte, etc.

Mais do que em qualquer outra época necessitamos de um labor constante de reflexividade e de hermenêutica, com um maior acesso a uma infinidade de informações disponíveis na rede mundial de computadores, nos centros educativos, em casa, na rua, no trabalho, etc. Isso requer dos homens uma competência para lidar com este montante de informações. Daí percebermos o lugar central da hermenêutica no cotidiano das pessoas, pois ela se mostra com um papel específico em desenvolver um método de indagação e pesquisa qualitativa para produzir compreensão dos fatos. E aqui nos lembramos do Nietzsche quando dizia que “não há fatos, mas interpretações”. Desta afirmativa nietzschiana podemos inferir que são as nossas necessidades (nossos impulsos) que interpretam o mundo. Desta forma, interpretar constitui o acontecimento do significado, a tarefa humana de sempre recriar o sentido de tudo o que é.

De maneira muito sucinta, a hermenêutica consiste na capacidade para interpretar textos, compreendê-los, contextualizá-los, entender o seu autor, seu conteúdo e intenção. O que se busca na interpretação é o sentido, daí sermos constantemente interpelados pela hermenêutica de que a educação é um pensar e re-pensar, um ler e re-ler, ou seja, ela constitui uma constante re-interpretação.

Um dos objetivos da hermenêutica está em possibilitar clareza e significado sobre o objeto estudado. Em nosso caso, o objeto são os textos de Filosofia que são abordados em sala de aula. Intentamos auxiliar os alunos a serem capazes de elucidar e expressar significado(s) do texto. Por meio da interpretação textual adquire-se compreensão das coisas, dos diferentes modos de estar no mundo, pode-se dizer que o texto tem uma função mediadora entre o homem e o mundo.

O procedimento metodológico hermenêutico constitui uma importante “ferramenta” que permita aos alunos alcançar uma educação na busca de sentido, clareza e significado de um texto. A compreensão textual implica a capacidade de interpretar a mensagem levando em consideração os detalhes de sua produção. O texto possibilita um contexto em que há um mundo do texto e do leitor, encontro este que faz surgir à interpretação, razão pela qual isto nos levar a considerar que possam existir tantas interpretações tanto quanto existam leitores.

O processo de interpretação constitui uma “refiguração” desse mundo do leitor. Mediante a fusão do seu horizonte com o horizonte do mundo do texto é estabelecido um trabalho metódico e reflexivo que o leitor realiza para compreender o que a obra quer dizer, ou seja, o leitor desvela o mundo e a experiência que no texto são narrados.

Os leitores adquirem uma dimensão muito importante acerca do significado e sentido de um texto, pois não é possível que mediante sua subjetividade, com seus prejuízos, linguagem e contexto histórico fiquem à margem daquilo que interpreta. Neste ponto chegamos àquilo que entendemos ser relevante para nossos alunos no Ensino Médio que é um método hermenêutico que promova ao alunado a capacidade de interpretar textos de forma a compreender, apropriar-se e dá sentido aquilo que ler. Este método consiste em acompanhar o trabalho efetivado no texto, ou seja, a atividade estruturante que há no texto, mas que graças à leitura o texto ganha vida.

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.29>

A hermenêutica de Paul Ricoeur no ensino de filosofia no ensino médio
SILVA, Fagner Veloso

REFERÊNCIAS

- GENTIL, Hélio Salles. Historicidade e compreensão das narrativas de ficção a partir da hermenêutica de Paul Ricoeur. *In*. PAULA, Adna Candido de; SPERBER, Frankl(Organizadoras). **Teoria literária e hermenêutica Ricoeuriana: um diálogo possível**. Dourados, MS: UFGD, 2011, p. 177-193.
- GRODIN, Jean. **Qué es la hermenéutica?** Tradução de Antoni Martinez Riu. Barcelona: Editora Herder, 2008.
- KAMESAR, Adam. Biblical Interpretation in Philo. *In*. KAMESAR, Adam. (org.). **The Cambridge Companion to Philo**. Cambridge: Editora University Press, 2009, p. 65-91.
- ORÍGENES. **Tratado sobre os princípios**. São Paulo: Paulus, 2012.
- RICCEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.
- RICCEUR, Paul. **O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica**. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- RICCEUR, Paul. **El discurso de la acción**. 2ª ed. Madrid: Cátedra, 1988.
- RICCEUR, Paul. **Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- RICCEUR, Paul. **Del texto a la acción: ensayos de hermenêutica II**. Editora: Fondo de Cultura Económica. México, 2002.
- RICCEUR, Paul. **Hermeneutica e acción: de la hermenêutica del texto la hermenêutica de la acción**. Buenos Aires: Editora Prometeo, 2008.
- RICCEUR, Paul. **Historia y narratividad**. Barcelona: Editora Paidós, 1999.
- RICOEUR, Paul. The Text as Dynamic Identity. *In*: VALDÉS, Mario J.; MILLER, Owen J. (eds.). **Identity of the Literary Text**. Toronto: University of Toronto Press, 1985. 175-186.
- RICCEUR, Paul. **A hermenêutica bíblica**. São Paulo: Editora Loyola, 2006.
- RICCEUR, Paul. **Retórica, poética y hermenêutica**. Madrid: Universidade autònoma de Madrid, 1997.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich D.E. **Hermenêutica: arte e técnica da interpretação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- UNESCO. **Aprender a viver juntos: nós falhamos?** Brasília: UNESCO, IBE, 2003.
Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001313/131359por.pdf> Acesso: 22/04/2018

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.29>

A hermenêutica de Paul Ricœur no ensino de filosofia no ensino médio
SILVA, Fagner Veloso

THIOLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Editora Cortez, 1986.